

FAMÍLIAS FUMICULTORAS NO SUL DO BRASIL: SITUAÇÃO ECONÔMICA DOS ASSOCIADOS À ASSOCIAÇÃO DOS FUMICULTORES DO BRASIL (AFUBRA)

TOBACCO GROWING FAMILIES IN SOUTHERN BRAZIL: ECONOMIC STATUS OF THOSE ASSOCIATED TO THE TOBACCO GROWERS ASSOCIATION OF BRAZIL (AFUBRA)

Silvio Cezar Arend

Universidade de Santa Cruz do Sul - RS - Brasil

RESUMO: este artigo é resultante de uma pesquisa envolvendo 1.200 agricultores familiares na Região Sul do Brasil a partir de uma demanda da Associação dos Fumicultores do Brasil para conhecer o perfil socioeconômico de seus associados. As informações aqui apresentadas dizem respeito aos aspectos econômicos das propriedades, ressaltando as questões de endividamento, atividades produtivas, autoconsumo e receitas auferidas. A agricultura familiar no Sul do Brasil está diretamente vinculada à produção de tabaco e a análise das demais atividades desenvolvidas pelos produtores é fundamental para a definição de alternativas de diversificação da produção agrícola que ora estão sendo gestadas na referida região. Verificou-se que pouco mais de 60% dos produtores entrevistados têm uma situação declarada como estável, mas apenas 29,3% não têm dívidas. Entre os demais, mais da metade têm dívidas de custeio e quase 75% têm dívidas referentes a investimentos na propriedade. A participação do tabaco no rendimento total das propriedades é, em média, de 68,59%. Ressalte-se, porém, que a participação do tabaco sobre a receita efetivamente recebida (desconsiderando-se o autoconsumo e a produção de origem animal) é significativamente superior.

Palavras chave: Tabaco. Agricultura familiar. Diversificação da produção agrícola.

ABSTRACT: this article is the result of a survey involving 1,200 family farmers in southern Brazil from a demand of the Tobacco Growers Association of Brazil to meet the socioeconomic profile of its members. The information presented here concern the economic aspects of the properties, highlighting the issues of debt, productive activities, consumption and income earned. Family farming in southern Brazil is directly linked to tobacco production and the analysis of other activities by producers is a key to the establishment of alternatives for agricultural production diversification that is now being gestated in that region. It was found that just over 60% of farmers interviewed had declared his situation as stable, but only 29.3% have no debt. Among the others, more than half have debt on costing and nearly 75% have debts relating to investments in property. Involvement of tobacco in total income of the properties is on average 68.59%. It should be noted, however, that the participation of tobacco on the revenue actually received (disregarding their own consumption and production of animal origin) is significantly higher.

Keywords: Tobacco. Family farming. Diversification of agricultural production.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de uma pesquisa que foi realizada com o objetivo de diagnosticar a situação da agricultura familiar numa parte da região Sul do Brasil, que é responsável por 96% da produção brasileira de tabaco. Trata-se de uma região onde este cultivo tem grande importância e que, segundo os dados do Censo Agropecuário de 2006 (IBGE), compreende 742 (setecentos e quarenta e dois) municípios: 327 municípios do Rio Grande do Sul (65,9% dos 496 municípios gaúchos), 231 municípios de Santa Catarina (78,8% dos 293 municípios

catarinenses) e 184 municípios do Paraná (46,1% dos 399 municípios paranaenses)¹.

Importante destacar que, já há algumas décadas, as atividades agrícolas vinculadas à produção de tabaco vêm apresentando um crescimento nessa região “fumicultora” do Sul do Brasil, tanto sob o ponto de vista do número de famílias envolvidas na produção quanto da área cultivada. Assim, por exemplo, em 1980, 94.840 famílias de agricultores plantavam tabaco no Sul do Brasil, numa área de plantio que alcançava os 171.080 hectares; esse número se elevou, em 1990, para 121.600 famílias e uma área de plantio de 201.940 hectares passou para 134.850 mil famílias, em 2000, (257.660 hectares) e chegou a 185.160 famílias, em 2010, com 370.830 hectares². Atualmente, o cultivo do tabaco, realizado em pequenas propriedades e com uso intensivo de mão de obra familiar³, envolve diretamente um número expressivo de pessoas (precisamente, 870.250 pessoas que atuam na produção de tabaco no Sul do Brasil, segundo a AFUBRA)⁴.

Num período mais recente, dada a pressão internacional pela diminuição no plantio de tabaco e a assinatura, pelo Brasil, da Convenção Quadro Para o Controle do Tabaco⁵, ganhou importância a análise não somente das condições sociais e econômicas dos agricultores que têm suas atividades vinculadas a esse tipo de produção, mas, também, de como se estruturam as economias dos municípios e das “regiões fumicultoras”. Em função disso, entidades e instituições diretamente vinculadas à cadeia produtiva do tabaco (e também o próprio governo federal) têm intensificado o debate em torno da fumicultura e da importância de programas de diversificação produtiva e de alternativas de desenvolvimento capazes de amenizar possíveis efeitos de uma maior restrição internacional à produção do tabaco⁶.

Nesse debate em torno da fumicultura no Brasil e da importância de ações que possam diversificar e potencializar as condições de desenvolvimento nas regiões onde essa cultura está presente, a AFUBRA (Associação dos Fumicultores do Brasil) é a entidade principal de representação dos interesses de classe dos agricultores familiares que cultivam tabaco no Brasil e, enquanto tal, ocupa um espaço político e social de relevância, que vai desde a assistência técnica oferecida a esses agricultores até a intermediação de seus interesses coletivos junto às indústrias fumageiras e ao próprio Estado brasileiro⁷.

Nesse sentido, a pesquisa referida neste artigo é resultado de uma demanda da

¹ Para o registro dessa informação estão sendo considerados todos os municípios dos três estados do Sul do Brasil onde, de acordo com o Censo Agropecuário de 2006, pelo menos um estabelecimento agrícola tem plantação de tabaco. IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Censo Agropecuário de 2006. In: www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/2006/agropecuario.pdf. Acesso em: 21 set. 2011.

² AFUBRA – Associação dos Fumicultores do Brasil. In: www.afubra.com.br. Acesso em: 21 set. 2011.

³ O tamanho médio das propriedades dos agricultores que cultivam tabaco no Sul do Brasil é de 16,29 ha, dos quais 2,68 ha (em média) são ocupados com o plantio de tabaco. IDEM, *Ibid.* Acesso em: 21 set. 2011.

⁴ AFUBRA – Associação dos Fumicultores do Brasil. In: www.afubra.com.br. Acesso em: 21 set. 2011.

⁵ A Convenção Quadro para o Controle do Tabaco é o primeiro tratado internacional sobre saúde pública. Proposta durante a 52ª Assembleia Mundial da Saúde da OMS (Organização Mundial da Saúde), em 1999, é um compromisso internacional para adoção de medidas de restrição ao consumo de cigarros e outros produtos derivados do tabaco negociado por 194 países de 1999 a 2003.

⁶ A partir de 2006, o governo brasileiro, através do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), passou a executar o Programa de Apoio à Diversificação Produtiva das Áreas Cultivadas com Fumo na Região Sul, com a intenção de criar oportunidades para os agricultores que produzem tabaco de diversificar suas atividades produtivas, de forma a garantir novas e alternativas fontes de renda.

⁷ Em que pese, em tempos de Convenção Quadro, este papel ser contraditório por vezes, pois, ao fazer a defesa dos interesses dos agricultores, também faz a defesa dos interesses das próprias indústrias.

AFUBRA, preocupada em ampliar o conhecimento acerca das formas de organização da “agricultura familiar” da Região Sul do Brasil onde a produção do fumo está presente e, assim, qualificar sua participação no debate não somente acerca da importância (econômica, social e cultural) do tabaco na região Sul do País, mas, também, da necessidade de políticas comprometidas com a sustentabilidade dos agricultores familiares vinculados à fumicultura.

Nessa direção, a pesquisa realizada objetivou conhecer as condições de desenvolvimento da agricultura familiar na “região fumicultora” do Sul do Brasil, sendo levantadas informações, tais como a composição das famílias; condições das moradias; acesso a determinados bens de consumo; o tamanho das propriedades e a produção (vegetal e animal) realizada; condições de infraestrutura de produção; situação econômica; formas de associativismo; acesso a cursos de capacitação técnica; representações (opiniões, concepções) acerca da agricultura familiar e da fumicultura e atividades realizadas quando não estão trabalhando (lazer). Neste artigo são apresentados os resultados da pesquisa referentes à situação econômica das propriedades de acordo com os procedimentos metodológicos a seguir apresentados, sendo as demais questões apresentadas em artigo organizado pelo prof. Dr. Marco André Cadoná, coordenador geral da pesquisa.

2 PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

A pesquisa sobre as condições das propriedades fumicultoras na Região Sul do Brasil foi executada pelo NUPES – Núcleo de Pesquisa Social – da UNISC, contratado pela AFUBRA, no período de julho a outubro de 2011, sob a coordenação geral do prof. Marco André Cadoná e deste autor como coordenador da parte referente aos aspectos econômicos das propriedades. A pesquisa foi do tipo descritivo, com o objetivo de descrever características socioeconômicas do grupo de agricultores familiares na região fumicultora do Sul do Brasil, não objetivando a análise explicativa da situação socioeconômica ou das condições de produção que os agricultores pesquisados apresentam. Para a descrição das características socioeconômicas dos agricultores que cultivam tabaco no Sul do Brasil foi utilizado como instrumento de levantamento de dados um questionário, que, através de um conjunto de questões, visou recolher informações sobre o assunto baseando-se na inquirição de uma amostra representativa da população em estudo.

O tamanho da amostra foi obtido de acordo com a Amostragem Aleatória Simples para a estimação de proporções. Para o cálculo da amostra foram definidos: a) nível de confiança da estimativa⁸ de 95%; b) erro absoluto definido tomando como referência o universo de agricultores associados à AFUBRA; c) variabilidade dos dados medida através do Produto PQ⁹ (como estas informações não se encontravam disponíveis antes da realização do levantamento dos dados, utilizou-se a maior variabilidade possível – $PQ = 0,25$ – desta forma, a amostra calculada é maior do que todas as outras amostras possíveis, considerando variabilidades menores, evitando assim o subdimensionamento amostral); d) tamanho da

⁸ O Nível de Confiança de uma amostra indica a probabilidade do erro amostral ser, no máximo, o valor especificado. No caso de um Nível de Confiança de 95%, há ainda uma probabilidade de 5% de o erro ser maior que o especificado.

⁹ O Produto PQ é resultante da multiplicação da proporção encontrada para uma determinada opção de resposta de uma característica de interesse (P) pelo seu valor complementar ($Q = 1 - P$). Por exemplo, se a característica de interesse é o sexo dos respondentes, as proporções encontradas podem ser: Masculino = 60% e Feminino = 40%. Neste caso o Produto PQ é igual a $0,60 \times 0,40 = 0,24$.

população definido a partir dos agricultores associados à AFUBRA.

A amostra dos agricultores que cultivam tabaco no Sul do Brasil foi selecionada através de um sorteio aleatório dentre os 132.630 agricultores associados e cadastrados na AFUBRA nos três estados da Região Sul do País (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), obedecendo-se à proporcionalidade do total de agricultores por Estado e por municípios que compõem a “região de abrangência” da Entidade. A partir dessas definições chegou-se a uma amostra de 1.200 agricultores. Na realização do trabalho de campo, no entanto, 65 agricultores selecionados ou não foram encontrados ou não produziam mais tabaco, de modo que, efetivamente, 1.135 agricultores constituíram a amostra da pesquisa: 555 agricultores do Rio Grande do Sul, 356 agricultores de Santa Catarina e 224 agricultores do Paraná.

Cabe notar que essa amostra (geral) garante que os dados da pesquisa sejam apresentados com um nível de confiança de 95%, uma variabilidade máxima de 0,25 e um valor de erro absoluto igual a 2,9 pontos percentuais. Isto significa que os dados apresentados neste artigo, quando referidos ao total de agricultores pesquisados, são representativos (estatisticamente) do universo de agricultores associados à AFUBRA, com nível de confiança de 95%, podendo variar 2,9 pontos percentuais para cima e/ou para baixo. Os dados serão apresentados também por Estado, porém, nesses casos, as margens de erro são maiores. Assim, considere-se, para os dados referentes ao Rio Grande do Sul, uma margem de erro igual a 4,14 pontos percentuais, para os dados referentes à Santa Catarina, uma margem de erro de 5,17 pontos percentuais e para os dados referentes ao Paraná, uma margem de erro de 6,52 pontos percentuais.

3 A SITUAÇÃO ECONÔMICA DAS PROPRIEDADES FUMICULTORAS

São apresentados, agora, dados que permitem uma análise da situação econômica dos agricultores familiares pesquisados. Essa apresentação contempla, num primeiro momento, a própria percepção dos agricultores em relação à situação econômica de suas propriedades; depois, a partir das informações sobre produção, autoconsumo, comercialização dos produtos, renda adquirida com atividades não agrícolas, o artigo apresenta dados que procuram dar conta da renda familiar dos agricultores pesquisados.

3.1. A situação econômica a partir das percepções dos agricultores pesquisados

Em relação à percepção dos agricultores quanto à situação econômica de suas propriedades, o maior grupo afirmou que a situação está “estável”. Como indicado na tabela 01, 61,2% afirmaram que a situação econômica de suas propriedades é “estável”, somando-se 12,7% que afirmaram que têm “reservas”; por outro lado, 25,8% afirmaram que a situação econômica de suas propriedades está “ruim”.

TABELA 01: Percepção quanto à situação econômica das propriedades (amostra geral e por Estados)

Percepção	Estado	TOTAL		PR		SC		RS	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Tem reservas		145	12,7	26	11,6	39	11,0	80	14,4
Está estável		695	61,2	145	64,7	223	62,6	327	58,9
Está ruim		293	25,8	53	23,7	94	26,4	146	26,3
NS\NR		02	0,3	-	-	-	-	02	0,4
TOTAL		1.135	100,0	224	100,0	356	100,0	555	100,0

Fonte: dados da pesquisa

Observe-se, porém, que estar em condição estável não significa não ter dívidas. Esse dado fica evidenciado quando se observa o percentual de agricultores pesquisados que têm dívidas. Como indicado a seguir, quando perguntado se tinham dívidas, 70,7% afirmaram que sim (tabela 02).

TABELA 02: Endividamento das propriedades (amostra geral e por Estados)

Tem dívidas?	Estado	TOTAL		PR		SC		RS	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Sim		803	70,7	153	68,3	269	75,6	381	68,6
Não		332	29,3	71	31,7	87	24,4	174	31,4
TOTAL		1.135	100,0	224	100,0	356	100,0	555	100,0

Fonte: dados da pesquisa

São dívidas de custeio (55,9% dos agricultores) e investimentos (74,1% desses agricultores) (tabela 03) – a produção de tabaco é realizada com crédito bancário intermediado e avalizado pelas empresas fumageiras, o qual é pago no momento da entrega da produção. Pela época de realização da pesquisa (segundo semestre) e pelo formato da pergunta, não ficou claro se esta dívida de custeio refere-se à safra anterior (2010-11) ou se já era referente à aquisição de insumos para a safra 2011-12¹⁰.

TABELA 03: Tipo de endividamento (amostra geral e por Estados)

Tipo de dívidas	Estado	TOTAL		PR		SC		RS	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Custeio		449	55,9	91	59,5	145	53,9	213	55,9
Investimento		595	74,1	109	71,2	191	71,0	295	77,4
Comércio		47	5,8	11	7,2	13	4,8	23	6,0
Outro tipo		34	4,2	09	5,9	15	5,6	10	2,6
TOTAL		1.125	140,0	220	143,8	364	135,3	541	141,9

Fonte: dados da pesquisa

¹⁰ Como é possível que o mesmo agricultor tenha dívidas de mais de uma natureza, a soma neste caso é superior ao número de 803 produtores que responderam positivamente à questão anterior.

As dívidas de investimento¹¹ não somente estão presentes para um maior número de agricultores, mas, também, são as que têm maior importância entre os agricultores que têm dívidas. Essa condição, pelo menos, foi revelada por esses agricultores na resposta à questão que indagava qual a dívida tinha maior valor: 61,3% afirmaram que são as dívidas de investimento (tabela 04).

TABELA 04: Dívida de maior valor (amostra geral e por Estados)

Estado	TOTAL		PR		SC		RS	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Custeio	260	32,7	55	36,2	93	35,4	112	29,5
Investimento	487	61,3	84	55,3	151	57,4	252	66,3
Comércio	24	3,0	05	3,3	09	3,4	10	2,6
Outro tipo	24	3,0	08	5,3	10	3,8	06	1,6
TOTAL	795	100,0	152	100,0	263	100,0	380	100,0

Fonte: dados da pesquisa

Não foram identificadas, no entanto, dificuldades para o pagamento das dívidas. A maioria dos agricultores pesquisados endividados, quando perguntados se “estava conseguindo pagar suas dívidas”, afirmou que “sim” (tabela 05). É um dado coerente, nesse sentido, com a constatação (anteriormente indicada) de que a maioria tem uma percepção de que a situação econômica de suas propriedades está estável ou então tem reservas.

TABELA 05: Condição de pagamento das dívidas (amostra geral e por Estados)

Estado	TOTAL		PR		SC		RS	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Está conseguindo pagar								
Sim	689	86,4	140	91,5	235	88,7	314	82,8
Não	108	13,6	13	8,5	30	11,3	65	17,2
TOTAL	1.125	140,0	220	143,8	364	135,3	541	141,9

Fonte: dados da pesquisa

De forma geral, pode-se inferir que a situação econômica das propriedades é estável, mas uma estabilidade com elevado comprometimento financeiro enquanto perdurar o financiamento para a montagem da estrutura de produção necessária para o cultivo do tabaco (notadamente os fornos de secagem), o que remete à necessidade de continuidade na atividade, pois são ativos específicos e que não encontram utilização em outras culturas.

3.2. Produção e renda nas propriedades fumicultoras no Sul do Brasil

Esta seção apresenta os resultados da produção realizada nas propriedades fumicultoras pesquisadas. Os resultados são apresentados individualmente por cada estado, sendo que a primeira seção apresenta os resultados advindos da exploração de atividades agrícolas e a seção seguinte sumariza os principais resultados da produção pecuária das propriedades. Inicia-se com as propriedades gaúchas, sendo na sequência apresentados os resultados

¹¹ O maior valor refere-se à construção de fornos para secagem do tabaco, seguido pela aquisição de equipamentos diversos para a produção.

para os estados de Santa Catarina e Paraná. Além da hierarquização dos produtos mais frequentes a partir da representatividade em, no mínimo, 50% das propriedades pesquisadas, foi calculada também a receita efetivamente obtida com a venda da produção e a renda gerada pelo autoconsumo da produção da propriedade.

A receita foi calculada a partir das quantidades efetivamente vendidas multiplicadas pelo preço de mercado. O preço de mercado dos produtos foi obtido junto às seguintes fontes: Emater/RS, Epagri/SC, Secretaria da Agricultura e do Abastecimento/PR e *site* Agrolink (<http://www.agrolink.com.br>), sendo utilizado o preço médio destas fontes para o mês de outubro de 2011. Este mesmo preço médio foi utilizado para o cálculo da renda representada pelo autoconsumo. O autoconsumo foi obtido a partir da subtração da quantidade vendida da produção total informada.

Cabe ressaltar neste aspecto duas questões: primeiro, a quantidade de produto em estoque não foi informada, de forma que o autoconsumo efetivo pode ser menor, pois parcela da produção pode estar estocada para venda futura – e então transformação em receita; segundo, o autoconsumo representa uma renda para a propriedade, à medida que não é necessário adquirir esta produção no mercado – sem dispêndio financeiro para sua aquisição. Desta forma, o autoconsumo foi tratado tão somente como renda e não como receita, reservando-se o uso da expressão receita somente para o caso de efetivo ingresso de numerário na propriedade.

Pela escassa disponibilidade de informações sobre custo de produção não foi calculada a renda líquida das atividades. As informações disponíveis de fontes confiáveis não abarcavam toda a lista de produtos pesquisados e, além disto, apresentavam defasagens em relação ao período de levantamento das informações – as melhores informações disponíveis foram obtidas junto à Conab, mas referiam-se, em sua maioria, à safra 2009/2010. Portanto, optou-se por não efetuar este cálculo, de maneira que a receita efetivamente recebida é a receita bruta com a venda da produção.

3.2.1 A produção vegetal nas propriedades gaúchas

No conjunto de fumicultores entrevistados no Rio Grande do Sul (554) destaca-se a produção de batata-doce, laranja, mandioca/aipim, feijão, milho na resteva do fumo, tomate, milho (plantio normal), pêssego, pepino, cebola, alho e cana de açúcar, conforme pode ser visualizado no quadro 06 a seguir. Destes produtos, alguns têm participação maior na geração de receita para a propriedade, ao passo que outros são cultivados para consumo próprio e pequena parcela é destinada à comercialização.

Em primeiro lugar destaca-se o cultivo do tabaco, obviamente presente em todas as propriedades pesquisadas. Este conjunto de produtores dedica uma área média de 3,02 ha à cultura de tabaco, com uma mediana de 3,0 ha. A quantidade média produzida por propriedade foi 6.508,32 kg, com um mínimo de 300 kg até um máximo de 30.000 kg. A receita média por propriedade é de R\$ 30.451,44, com um mínimo de R\$ 1.473,00, alcançando um máximo de R\$ 147.300,00. Nesta análise para cada estado, a produção é de tabacos do tipo Virginia, Burley e Virginia + Burley.

TABELA 06: Produção vegetal presente em mais de 50% das propriedades gaúchas

Produto	Número de propriedades	Percentual de propriedades
Batata-doce	483	87,2
Laranja	481	86,8
Mandioca/aipim	456	82,3
Feijão	453	81,8
Milho na resteva	420	75,8
Tomate	401	72,4
Milho (plantio normal)	397	71,8
Pêssego	391	70,7
Pepino	351	63,4
Cebola	329	59,4
Alho	327	59,1
Cana de açúcar	279	50,7

Fonte: dados da pesquisa

Dentre as demais atividades agrícolas das propriedades fumicultoras, o cultivo mais frequente, presente em 87,2% das propriedades entrevistadas, é a batata-doce, com uma área média de 0,08 ha por propriedade, indicando claramente ser uma atividade destinada ao autoconsumo na propriedade. Apenas nove propriedades informaram a comercialização de batata-doce, com média de 1.798 kg, com um máximo de 13.200 kg para uma propriedade, cuja receita alcançou R\$ 12.144,00.

A segunda produção mais frequente é a laranja, presente em 86,8% das propriedades. Das 399 propriedades que reportaram a área do pomar, a média é de 0,30 ha por propriedade. A quantidade média produzida é de 1.269,04 kg e, dentre as 28 propriedades que reportaram comercialização de laranja, a quantidade média vendida alcança 8.578,57 kg, com um máximo de 64.000 kg. A receita média para este grupo de produtores é de R\$ 4.013,06, com um máximo de R\$ 29.939,20 obtidos com a comercialização da fruta.

Em terceiro lugar aparece a produção de aipim, presente em 82,3% das propriedades. A área média dedicada à cultura é de 1,97 ha, com um máximo de 700 ha. A produção média é de 2.696,14 kg por propriedade, enquanto que as 15 propriedades que informaram comercialização de aipim têm uma venda média de 4.648,67 kg e um máximo de 60 t. Para estas propriedades, a receita média foi de R\$ 2.143,04 e a máxima de R\$ 27.660,00.

O feijão é cultivado em 81,8% das propriedades fumicultoras, em uma área média de 3,86 ha e produção média de 379,77 kg. Um conjunto de 72 propriedades informou a venda deste produto, pouco mais de uma tonelada em média (1.079,89 kg) e máximo de 11.400 kg, o que evidencia, para o restante das propriedades, esta ser uma cultura com baixa produtividade voltada ao autoconsumo das famílias dos produtores. A receita efetiva das propriedades que comercializaram o produto foi, em média, R\$ 1.161,64, com um mínimo de R\$ 21,51 até um máximo de R\$ 12.262,98.

Outra produção com destaque é a de milho na resteva do tabaco, prática de 75,8% das propriedades. Em média 2,53 ha são dedicados a esta cultura, obtendo uma produção média de 9.912,27 kg por propriedade. Também neste grupo, em menor proporção, tem-se um conjunto de produtores que comercializaram a produção (53), os quais venderam, em média, 6.243,00 kg, obtendo uma receita média de R\$ 2.548,55.

O tomate é cultivado em 72,4% das propriedades, também com pequena área dedicada à cultura: em média são tão somente 0,31 ha por propriedade. A produção média é de 79,40

kg por propriedade, também evidenciando uma cultura voltada ao autoconsumo da família. Apenas cinco propriedades reportaram a comercialização do produto, a menor venda da ordem de 50 kg e a maior, de 3.000 kg. Com isto, a receita efetivamente recebida por estas propriedades variou de R\$ 68,50 a R\$ 4.110,00.

Outro produto com destaque é o milho em plantio normal, presente em 71,8% das propriedades. A área média dedicada a esta cultura é de 3,26 ha, com uma produção (média) de 9.313,44 kg por propriedade. Destas, 88 informaram também a venda do produto, em média 9.013,61 kg, alcançado até 88,8 t. A venda desta produção gerou uma receita média de R\$ 3.679,36 por propriedade e uma receita máxima de R\$ 36.248,16.

A cultura de pêssogo está presente em 391 propriedades fumicultoras (70,7% das propriedades entrevistadas), mas sua importância é pequena, voltada ao autoconsumo das famílias. A área média reservada à produção de pêssogos é de tão somente 0,03 ha, com uma produção média de 119,83 kg. Contribuiu para elevar esta média uma propriedade com produção de 5 t e as cinco propriedades que efetivamente comercializaram este produto, com vendas médias de 255 kg. Aos preços vigentes, estas vendas renderam, em média, R\$ 87,17, com um máximo de R\$ 3.750,00.

A produção de pepino ocorre em 63,4% das propriedades fumicultoras entrevistadas, novamente com pequena área dedicada à cultura, 0,01 ha por propriedade. A produção média alcança 43,88 kg, notadamente para o autoconsumo das famílias. Apenas sete propriedades relataram a venda da produção, variando de um mínimo de 10 kg a até 2.000 kg, com uma média de 444,29 kg. A receita obtida foi, em média, de R\$ 413,90, com um máximo de R\$ 2.128,00.

A cebola é outra cultura presente em mais da metade das propriedades fumicultoras entrevistadas. Cultivada em 329 propriedades (59,4%), também é direcionada basicamente às necessidades das famílias, que dedicam, em média, 0,39 ha a esta produção, com uma produção média de 90,35 kg por propriedade. A venda de cebola foi relatada por dez propriedades, 241 kg em média, com um máximo de 700 kg, que renderam R\$ 124,84 (em média), com uma receita máxima de R\$ 362,60.

Outra produção voltada ao autoconsumo das famílias é a de alho (59,1% das propriedades fumicultoras o produzem). Com área média de 0,02 ha e produção 9,13 kg, o excedente destinado à comercialização é pequeno, apenas duas propriedades o comercializam, uma com 12,05 kg e outra com 180,75 kg, que renderam, respectivamente, R\$ 12,05 e R\$ 180,75.

O último produto presente em mais de 50% das propriedades fumicultoras é a cana de açúcar, cultivada em 50,7% das propriedades. Para esta cultura são dedicados 0,47 ha em média, com uma produção que varia de 5 kg a 110 t (em média, são 7.969,14 kg). Destinada majoritariamente às necessidades da propriedade e da família, nove propriedades comercializam o excedente, em média 13.288,67 kg, que correspondem a uma receita efetivamente obtida da ordem de R\$ 679,45 em média e um máximo de R\$ 4.601,70.

3.2.2 A produção animal nas propriedades gaúchas

No tocante à produção animal, destacam-se as criações de galinhas/frangos de corte, ovos, suínos, bovinos de leite e de corte (tabela 07).

TABELA 07: Produção animal presente em mais de 50% das propriedades gaúchas

Criação	Número de propriedades	Percentual de propriedades
Galinhas / frangos	522	94,1
Ovos	517	93,2
Suínos	466	84,0
Bovinos de leite	440	79,3
Bovinos de corte	420	75,7

Fonte: dados da pesquisa

A criação de galinhas e frangos acontece em 94,1% das propriedades fumicultoras pesquisadas. O plantel médio é de 339,95 aves e o autoconsumo das famílias é de 123,06 kg em média. Também 32 propriedades comercializaram galinhas/frangos, em média 19.295,75 kg com um máximo de 290 t. O plantel médio e a receita obtida com a venda de aves foram significativamente influenciados por esta propriedade, que auferiu uma receita (bruta) de R\$ 487.200,00 com esta atividade. A mediana das receitas com a venda de aves é significativamente menor, da ordem de R\$ 100,80.

A produção de ovos (93,2% das propriedades) já apresenta uma comercialização maior: 145 propriedades, com uma venda média de 134,14 dúzias. O consumo das famílias é de 140,31 dúzias, que equivalem a uma renda de R\$ 247,29, pouco superior à receita efetivamente auferida com a venda de ovos (R\$ 236,42).

A terceira criação com destaque é a de suínos, 84,00% das propriedades a tem. O rebanho médio é 9,53 cabeças, o consumo das famílias alcança 259,97 kg e a quantidade vendida por 33 propriedades é, em média, 6.089,15 kg, com uma propriedade tendo vendido 183,6 t. O autoconsumo de carne suína importa em uma renda para a propriedade equivalente a R\$ 525,14, ao passo que a receita média auferida com a venda é de R\$ 12.300,09 – e um máximo de R\$ 370.872,00.

A criação de bovinos de leite está presente em 79,3% das propriedades. O rebanho médio é de 4,77 vacas de leite, que produzem para o autoconsumo das famílias, em média, 878,89 litros. A quantidade de leite vendida por 108 propriedades alcançou a 26.351,66 litros, tendo uma propriedade comercializado 200.000 litros, que possibilitaram o ingresso de R\$ 14.940,00. A receita média com a venda de leite, entretanto, é bem menor, da ordem de R\$ 851,25 e o autoconsumo importa em uma renda equivalente de R\$ 207,25.

A criação de bovinos de corte é realizada por 420 propriedades (75,7%), que têm, em média, 6,50 cabeças de gado. Os bovinos de corte são responsáveis por um autoconsumo de 277,44 kg por propriedade, das quais 61 comercializam o excedente – em média 1.139,56 kg para até um máximo de 20 t. A receita destas propriedades foi, em média, R\$ 3.418,67 e o autoconsumo equivale a uma renda de R\$ 832,32.

Considerando todos os produtos agrícolas e todas as criações e produtos de origem animal, a receita monetária (bruta) efetivamente recebida pelas propriedades fumicultoras gaúchas com a comercialização destes produtos foi, em média, de R\$ 37.113,21, dos quais 82,05% são provenientes da comercialização de tabaco. A este valor soma-se o autoconsumo e os estoques desta produção, da ordem de R\$ 10.399,05, o que gera uma renda total (receita efetiva + potencial) da ordem de R\$ 47.266,28. A participação da receita da venda do tabaco sobre a renda total (média) das propriedades fumicultoras gaúchas é da ordem de 64,4%.

3.2.3 A produção vegetal nas propriedades catarinenses

No estado de Santa Catarina destacam-se a produção de mandioca/aipim, outras hortaliças, laranja, batata-doce, milho (plantio normal), pêssego, pepino, feijão, milho (na resteva do tabaco) e tomate entre as propriedades fumicultoras.

Para a produção de tabaco no estado de Santa Catarina os produtores dedicam, em média, 2,70 ha, chegando a até 27 ha em uma propriedade. A quantidade produzida é de 5.860,82 kg por propriedade (máximo de 195 t). A receita obtida com a comercialização de tabaco é de R\$ 29.077,76 das variedades Virginia e Burley.

Dentre as demais produções agrícolas, a de maior expressão, presente em 87,6% das propriedades, é a de aipim. A área média dedicada à produção é de somente 0,13 ha, o que indica ser uma cultura voltada basicamente às necessidades da propriedade. A produção média é de 1.296,55 kg e seis propriedades informaram a comercialização deste produto: média de 8.833,33 kg, com um máximo de 25 t. A comercialização de aipim gerou uma receita de R\$ 4.072,17 e o autoconsumo nas propriedades uma renda média de R\$ 514,59 (tabela 08).

TABELA 08: Produção vegetal presente em mais de 50% das propriedades catarinenses

Produto	Número de propriedades	Percentual de propriedades
Mandioca/aipim	312	87,6
Outras hortaliças	286	80,6
Laranja	280	78,9
Batata-doce	261	73,3
Milho (plantio normal)	259	73,2
Pêssego	240	67,8
Pepino	229	64,7
Feijão	221	62,1
Milho (resteva)	199	55,9
Tomate	184	51,7

Fonte: dados da pesquisa

O segundo produto mais frequente nas propriedades catarinenses foi classificado como “outras hortaliças”, que não as listadas no instrumento de coleta de informações. A área média destinada é de 0,28 ha, sendo que 164 propriedades comercializam em média 104,97 kg. Como se trata de uma agregação de diversos tipos possíveis de hortaliças e quantidades igualmente diversas tornou-se impossível obter um preço de referência e, portanto, para este produto não foi calculada a receita obtida com a comercialização.

A terceira produção mais frequente é a de laranja, cultivada em 78,9% das propriedades, que ocupam em média 0,08 ha com laranjais. A venda média é de 8.182,61 kg (máximo de 90 t), realizada por 23 propriedades. A receita obtida por estes produtores é, em média, R\$ 3.827,82, enquanto que o autoconsumo é de apenas R\$ 243,63.

A batata-doce aparece com 73,3% de frequência, também com pequena área dedicada, apenas 0,03 ha em média. Novamente, apenas cinco propriedades reportaram comercializar o produto, com vendas médias de 1.440 kg, que são responsáveis por uma receita média da ordem de R\$ 1.325,80. O autoconsumo representou uma renda de R\$ 418,23 para a média das demais propriedades.

O plantio de milho (plantio normal) é praticado em 73,2% das propriedades fumicultoras pesquisadas, com uma área média de 4,28 ha e uma renda de R\$ 8.164,74, alcançando até R\$ 73.576,00. A produção média por propriedade é de 20.597,21 kg, o que representa uma produtividade em torno de 4,8 t/ha.

A produção de pêssego também é voltada às necessidades da família, tendo em vista que a área utilizada é de apenas 0,03 ha em média e apenas duas propriedades comercializaram este produto – uma com vendas de 500 kg e outra com vendas de 6.000 kg. Basicamente produção de autoconsumo, a receita obtida pelas duas propriedades que comercializam o produto foi de R\$ 375,00 e R\$ 4.500,00, respectivamente.

A produção de pepino, presente em 64,7% das propriedades, utiliza diminuta área (0,01 ha) e também é voltada ao autoconsumo. Das 229 propriedades que o produzem, apenas seis comercializam o produto – em média 2.315 kg. O autoconsumo desta cultura gera uma renda equivalente a R\$ 65,65 por propriedade.

A produção de feijão (62,1% das propriedades fumicultoras o produzem) ocupa uma área de 1,24 ha, com uma produção média de 635,25 kg. Apesar de um número maior de propriedades comercializar o produto (57), a baixa produtividade também indica ser uma produção voltada mais às necessidades das famílias do que à comercialização. A receita média obtida com a venda de feijão é de R\$ 1.749,43 e o autoconsumo equivale a uma renda de R\$ 234,99.

A produção de milho na resteva do tabaco é praticada por 55,9% das propriedades entrevistadas, com uma produção de 8.120,93 kg em 1,96 ha. A venda deste produto é realizada por 28 propriedades (em média 7.446,07 kg). A receita da comercialização implica em R\$ 3.039,49 e o autoconsumo na propriedade é de R\$ 2.980,89 (valores médios).

A última cultura presente em mais da metade das propriedades fumicultoras entrevistadas é o tomate, cultivado em 51,7% das propriedades. Também produzido em pequena área (0,08 ha), com produção de 106,16 kg é voltado basicamente ao autoconsumo. As quatro propriedades que comercializam o produto obtiveram uma receita média de R\$ 385,31, enquanto que o autoconsumo equivalente a uma renda de R\$ 136,63.

3.2.4 A produção animal nas propriedades catarinenses

Nas propriedades fumicultoras catarinenses destaca-se a criação de galinhas/frangos, produção de ovos, criação de bovinos (corte e leite) e suínos (tabela 09).

TABELA 09: Produção animal presente em mais de 50% das propriedades catarinenses

Criação	Número de propriedades	Percentual de propriedades
Galinhas / frangos	325	91,3
Ovos	318	89,3
Bovinos de corte	277	77,8
Bovinos de leite	269	75,6
Suínos	252	70,8

Fonte: dados da pesquisa

A criação de galinhas/frangos ocorre em 91,3% das propriedades, com um plantel de 739,32 aves e um autoconsumo de 131,71 kg. A comercialização de aves alcança 39.348,73 kg, que geram uma receita de R\$ 66.105,87 em média. A produção para o autoconsumo da

família equivale a uma renda média de R\$ 221,27.

A produção de ovos ocorre em 89,3% das propriedades, alcançando um autoconsumo de 240,53 dúzias e uma comercialização de 126,33 dúzias em média para as 72 propriedades que relataram sua venda. A comercialização de ovos gera uma receita de R\$ 222,66 e o autoconsumo das famílias equivale a uma renda média de R\$ 423,93.

A criação de gado de corte ocorre em 77,8% das propriedades, que contam com um rebanho médio de 9,08 cabeças de gado. O autoconsumo médio das famílias é de 336,17 kg e a venda média é de 2.467,85 kg. A receita da comercialização de gado é de R\$ 7.403,56 e o autoconsumo equivale a uma renda média de R\$ 1.008,50.

A produção de leite ocorre em 75,6% das propriedades fumicultoras catarinenses, que contam com um rebanho médio de 31,70 cabeças de gado. A produção de leite para o autoconsumo da propriedade é de 1.689,67 litros e a quantidade vendida alcança 25.131,96 litros em média para as 138 propriedades que comercializam o produto. A receita obtida com a comercialização é de R\$ 1.843,49 em média e o autoconsumo implica uma renda equivalente a R\$ 251,12.

Por último, a criação de suínos ocorre em 70,8% das propriedades, que contam com um rebanho médio de 20,31 cabeças. O autoconsumo de carne suína é de 325,12 kg e a comercialização, realizada por 26 famílias, é de 20.291,27 kg em média, chegando uma propriedade a comercializar 210 t. A receita média com a venda de suínos é de R\$ 40.988,36 e o autoconsumo implica em uma renda equivalente a R\$ 656,74.

No cômputo geral de todos os produtos de origem agrícola e animal, a receita monetária bruta efetivamente recebida pelos fumicultores catarinenses foi, em média, de R\$ 43.797,34. Adicionando-se o autoconsumo e os estoques, a renda total das propriedades catarinenses foi de R\$ 51.663,56. A participação da receita com a comercialização do tabaco sobre a receita efetiva das propriedades é de 66,39% e de 56,28% sobre a renda total, indicando uma diversificação maior dos ingressos do que a verificada no Rio Grande do Sul.

3.2.5 A produção vegetal nas propriedades paranaenses

No estado do Paraná destacam-se as culturas da mandioca/aipim, pepino, milho (plantio normal), outras hortaliças, laranja, tomate, batata-doce, feijão e pêssego, culturas presentes em mais da metade das propriedades fumicultoras pesquisadas.

Com relação à produção de tabaco, no Paraná a área média dedicada à cultura é de 3,00 ha, com uma produção média de 6.470,51 kg e um máximo de 62.000 kg. A receita obtida com a comercialização do tabaco foi da ordem de R\$ 32.078,41 em média por propriedade, alcançando um máximo de R\$ 319.300,00.

Dentre os demais produtos, a maior presença é da produção de mandioca/aipim, que ocorre em 73,7% das propriedades. Cultura importante para o autoconsumo da propriedade, os produtores paranaenses dedicam, em média, 0,10 ha a esta produção. A produção média é de 1.821,73 kg, com apenas cinco propriedades indicando a comercialização. Nestas propriedades, a quantidade vendida varia entre 200 kg a 80 t – devido a esta grande amplitude, a média de 16.400 kg não é representativa do conjunto de propriedades. Da mesma forma, a receita média de R\$ 7.560,40 é viesada, pois a amplitude das vendas varia entre R\$ 92,20 e R\$ 36.880,00 (tabela 10).

TABELA 10: Produção vegetal presente em mais de 50% das propriedades paranaenses

Produto	Número de propriedades	Percentual de propriedades
Mandioca/aipim	165	73,7
Pepino	163	72,8
Milho (plantio normal)	161	71,9
Outras hortaliças	152	68,2
Laranja	149	66,5
Tomate	139	62,1
Batata-doce	136	60,7
Feijão	136	60,7
Pêssego	130	58,0

Fonte: dados da pesquisa

O segundo produto com maior representatividade é o pepino, presente em 163 propriedades (72,8% da amostra), também uma produção dedicada às necessidades de consumo das famílias: a área média dedicada é de apenas 0,13 ha e somente duas propriedades comercializaram o produto, 300 kg uma e 320 kg a outra. Em consequência, a receita obtida variou entre R\$ 319,20 e R\$ 340,48.

O plantio de milho no período normal foi praticado por 71,9% das propriedades, em uma área média de 2,89 ha, com produção de 14.663,19 kg. A comercialização do produto ocorreu em 57 propriedades, com vendas médias de 18.481,05 kg, que geraram uma receita média de R\$ 7.543,97.

A produção de outras hortaliças que não as listadas, tal como em Santa Catarina, também apareceu com frequência elevada no Paraná. Ocorrendo em 68,2% das propriedades, o grupo de outras hortaliças apresenta uma produção média de 125,68 kg. As seis propriedades que comercializam a produção apresentam uma média superior, de 682,50 kg. Assim como para o estado de Santa Catarina, como se trata de uma agregação de diversos tipos de hortaliças e quantidades igualmente diversas tornou-se impossível obter um preço de referência e, portanto, para este produto não foi calculada a receita obtida com a comercialização.

A laranja é outro produto com destaque, presente em 66,5% das propriedades, mas também voltada basicamente às necessidades de autoconsumo das famílias. A área média dos pomares é de tão somente 0,05 ha, com uma produção média de 1.289,08 kg. Apenas duas propriedades informaram a comercialização, uma com 200 kg e outra com 87 t. A receita obtida por estas propriedades foi de R\$ 93,56 e R\$ 40.698,60.

O tomate é outro produto também voltado ao autoconsumo. Com área média de 0,06 ha e produção de 62,48 kg por propriedade, é comercializado por apenas uma propriedade, que vendeu 800 kg, auferindo uma receita de R\$ 1.096,00. A batata-doce é cultivada em 60,7% das propriedades, que utilizam 0,03 ha da propriedade para tanto. A produção média alcança 172,07 kg em média e as cinco propriedades que também comercializam a produção têm uma venda média de 748 kg, que geram uma receita média de R\$ 688,16.

O feijão é cultivado em 60,7% das propriedades, para o que são dedicados 0,90 ha, com produção média de 1.189,64 kg. Das 136 propriedades que o cultivam, 38 também o comercializam. As vendas médias são de 2.426,53 kg, que geram uma receita média de R\$ 2.610,21. Cabe destacar que a produtividade média desta cultura no Paraná é mais de dez vezes superior à média verificada no Rio Grande do Sul e mais que o dobro da catarinense.

O último produto cultivado em mais da metade das propriedades é o pêssego, presente em 58% das propriedades. A área média dedicada à cultura é de 0,05 ha e apenas duas propriedades comercializam sua produção, uma 100 kg e outra 5 t, que geraram uma receita de R\$ 3.750,00.

3.2.6 A produção animal nas propriedades paranaenses

Na produção animal, destacam-se a criação de galinhas/frangos, a produção de ovos e a criação de suínos, bovinos de leite e bovinos de corte. A criação com maior destaque é a de galinhas/frangos, que ocorre em 90,6% das propriedades. O plantel médio é de 1.694,26 aves, também influenciada por propriedades com produção integrada, uma delas com 216.000 aves. A mediana de 40 aves neste caso é mais representativa do conjunto das demais propriedades. O consumo das famílias é da ordem de 115,54 kg em média e as vendas – também influenciadas pelas propriedades integradas às agroindústrias do setor – alcançam uma média de 47.385,50 aves. A receita média das propriedades que comercializaram esta produção é de R\$ 79.607,64 e o autoconsumo representa uma renda equivalente a R\$ 194,10 (tabela 11).

TABELA 11: Produção animal presente em mais de 50% das propriedades paranaenses

Criação	Número de propriedades	Percentual de propriedades
Galinhas / frangos	203	90,6
Ovos	202	90,6
Suínos	145	64,7
Bovinos de leite	143	63,8
Pinto	121	54,0
Bovinos de corte	112	50,0

Fonte: dados da pesquisa

A produção de ovos ocorre também em 90,6% das propriedades. O consumo das famílias é de 74,58 dúzias e, embora 44 propriedades relatarem a venda de ovos, a quantidade comercializada é pequena, em média 94,23 dúzias – variando de 10 a 360 dúzias. Neste caso também mais importa o autoconsumo, da ordem de R\$ 131,45, enquanto que a receita média com a comercialização de ovos é de R\$ 166,08.

A produção de suínos é praticada em 64,7% das propriedades fumicultoras no estado do Paraná, que tem um rebanho médio de 5,60 cabeças. O autoconsumo das famílias é de 496,32 kg e a quantidade vendida é de 204,92 kg em média. A receita efetivamente recebida com a venda de suínos é de R\$ 413,93 e o autoconsumo equivale a uma renda média de R\$ 1.002,57.

A criação de bovinos de leite está presente em 63,8% das propriedades, que têm em média 4,45 cabeças de gado, que produzem um autoconsumo de 497,95 litros de leite em média por propriedade. A quantidade média comercializada de leite pelas 56 propriedades é de 15.950,59 litros, também influenciada por uma propriedade que comercializa 60.000 litros. O autoconsumo das propriedades equivale a uma renda média de R\$ 204,29.

A produção de pintos ocorre em 54% das propriedades, que têm, em média, 24,5 aves, destinadas totalmente às necessidades das propriedades para criação de galinhas/frangos, não havendo comercialização dos mesmos.

Por último, os bovinos de corte estão presentes em 50% das propriedades. O rebanho médio é de 6,95 cabeças de gado por propriedade, com um autoconsumo de 273,48 kg e venda de 404,93 kg, que geram uma receita de R\$ 1.214,79. O autoconsumo importa em uma renda equivalente a R\$ 820,45.

Somando todas as receitas efetivamente recebidas, as propriedades fumicultoras paranaenses têm um ingresso médio de recursos da ordem de R\$ 46.926,56, dos quais 68,35% são provenientes da produção de tabaco, percentual ligeiramente superior ao verificado em Santa Catarina, mas ainda inferior ao das propriedades gaúchas. O autoconsumo das propriedades paranaenses é da ordem de R\$ 6.729,70, o que gera uma renda total de R\$ 53.345,13. Sobre esta renda total, a contribuição do tabaco é de 60,13%.

3.3 A participação do tabaco na renda das propriedades

Nesta seção apresentam-se os resultados da participação do tabaco na Receita Total das propriedades fumicultoras. A tabela 12 apresenta a distribuição das propriedades de acordo com a variedade de tabaco produzido e a área dedicada à cultura.

Na produção de tabacos das variedades Virginia e do tipo Burley a concentração maior é na produção de até 3 ha, enquanto que as propriedades que produzem as duas variedades de tabacos utilizam uma fração maior da propriedade, com concentração acima de 3 ha. Cabe lembrar que o tabaco da variedade Virginia tem sua cura (secagem) em estufa (fornos) e o tabaco Burley tem sua cura em contato com o ar, realizada em galpões abertos com ventilação natural, exigindo menor investimento em construções em relação ao tabaco Virginia.

QUADRO 12: Produtores pesquisados, por variedade de tabaco e tamanho da lavoura

Produção de tabaco (hectares)	Variedade de tabaco que produz							
	Virginia		Burley		Virginia + Burley		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%
Até 1 ha	30	4,1	87	23,8	1	3,2	118	10,4
1,01 a 3 ha	389	52,6	228	62,5	12	38,7	629	55,4
3,01 a 5 ha	233	31,5	39	10,7	14	45,2	286	25,2
5 ha ou mais	87	11,8	11	3,0	4	12,9	102	9,0
Total	739	100,0	365	100,	31	100,0	1.135	100,0

Fonte: dados da pesquisa

Conforme o procedimento adotado nas seções anteriores, a Renda Total (RT) das propriedades é a soma da Receita efetivamente recebida com a comercialização da produção mais a renda equivalente gerada pelo autoconsumo e os estoques da propriedade. Inicialmente apresentam-se os dados dos produtores de tabaco Virginia na tabela 13 a seguir.

TABELA 13: Renda Total por estratos de área e participação do tabaco na Receita Total dos produtores de tabaco Virginia

Produção de tabaco (ha)	Renda Total (produção agrícola e animal)		Receita tabaco	Participação do tabaco na Receita Total
	n	Média	Média	Média
Até 1 ha	30	21.653,90	9.022,91	64,34
1,01 a 3 ha	389	38.250,92	27.715,60	76,55
3,01 a 5 ha	232	55.764,61	43.417,90	81,77
5 ha ou mais	87	101.423,68	82.058,43	83,27
Total	738	50.529,10	38.275,23	78,48

Fonte: dados da pesquisa

Para os produtores de tabaco Virginia, a participação do tabaco na Receita Total é crescente, iniciando com 64,34% para aqueles que produzem até um hectare, alcançando 83,27% no último estrato de área (tabela 13), o que mostra uma crescente especialização e dependência deste produto como fonte praticamente única de ingressos monetários nas propriedades. Os produtores que dedicam menor fração de área para a cultura do tabaco são, proporcionalmente, menos dependentes deste ingresso do que aqueles com maior dedicação a este cultivo.

TABELA 14: Renda Total por estratos de área e participação do tabaco na Receita Total dos produtores de tabaco Burley

Produção de tabaco (ha)	Renda Total (produção agrícola e animal)		Receita Tabaco	Participação do tabaco na Receita Total
	n	Média	Média	Média
Até 1 ha	87	34.342,63	8.049,82	39,55
1,01 a 3 ha	228	47.673,51	15.865,40	49,82
3,01 a 5 ha	39	63.955,51	28.517,97	57,66
5 ha ou mais	11	118.575,07	36.918,40	48,03
Total	365	48.372,49	15.955,47	48,11

Fonte: dados da pesquisa

Os produtores de tabacos da variedade Burley apresentam uma dependência menor do tabaco na Receita Total das propriedades, o que indica um quadro de diversificação maior das fontes de ingresso. Para este grupo de produtores, a participação do tabaco é de no máximo 57,66% (tabela 14).

TABELA 15: Renda Total por estratos de área e participação do tabaco na Receita Total dos produtores de tabaco Virginia e Burley

Produção de tabaco (ha)	Renda Total (produção agrícola e animal)		Receita Tabaco	Participação do tabaco na Receita Total
	n	Média	Média	Média
Até 1 ha	1	26.030,73	21.442,50	82,37
1,01 a 3 ha	12	36.743,84	21.502,06	66,10
3,01 a 5 ha	14	55.995,58	42.187,27	77,44
5 ha ou mais	4	81.332,32	64.827,81	81,03
Total	31	50.845,94	36.432,27	73,67

Fonte: dados da pesquisa

Os produtores que produzem as duas variedades de tabaco (Virginia + Burley) têm neste uma importância (ou dependência) ligeiramente inferior na Receita Total do que os produtores que produzem exclusivamente tabaco da variedade Virginia (tabela 15): 73,67% em média contra 78,48%.

TABELA 16: Renda total (RT) por estratos de área e participação do tabaco na Receita Total de todos os produtores de tabaco

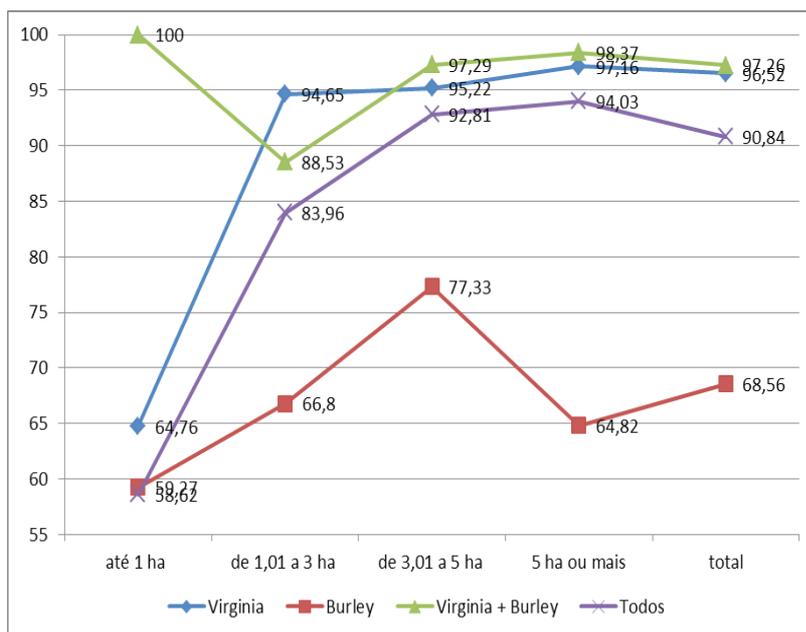
Produção de tabaco (ha)	Renda Total (produção agrícola e animal)		Receita Tabaco	Participação do tabaco na Receita Total
	n	Média	Média	Média
Até 1 ha	118	31.046,24	8.410,71	46,21
1,01 a 3 ha	629	41.637,67	23.321,07	66,71
3,01 a 5 ha	285	56.896,82	41.341,65	78,29
5 ha ou mais	102	102.485,44	76.459,79	79,34
Total	1134	49.843,62	31.056,46	68,59

Fonte: dados da pesquisa

Por último, considerando todos os produtores, a participação do tabaco na receita total reduz-se ligeiramente, ficando, em média, em 68,59% – devido basicamente aos produtores de tabaco da variedade Burley (de galpão), que são mais diversificados em suas atividades e, conseqüentemente, têm outros ingressos monetários na propriedade.

Entretanto, é de se ressaltar que, para todos os tipos de produtores e estratos de área, a comercialização do tabaco constitui-se em praticamente a única atividade com ingresso de recursos monetários. Analisando a relação Renda Total / Receita, vê-se que, no estrato de até um hectare de produção de tabaco, a Renda Total é aproximadamente 1,6 vezes maior que a Receita Total para aqueles que produzem exclusivamente a variedade Virginia ou exclusivamente a variedade Burley, ou seja, a produção para autoconsumo das propriedades assume um papel importante na estratégia de manutenção das propriedades. Para os produtores que produzem as duas variedades conjuntamente esta relação é unitária, a Receita e a Renda Total são praticamente iguais, ou seja, praticamente não há autoconsumo nas propriedades, sendo necessária a aquisição no mercado de todos os bens necessários à subsistência dos produtores.

Para os produtores da variedade Virginia, o grau de importância da receita com a comercialização do tabaco em relação à Renda Total é superior a 85% em todos os estratos superiores a um hectare de produção, o que denota que estas propriedades têm pequena produção para autoconsumo – o que de resto pode ser identificado pela pequena área dedicada a outras culturas como apresentado nas seções iniciais – e, conseqüentemente, um grau de exposição ao mercado extremamente elevado e, mais que isto, extremamente especializado, pois a cultura do tabaco é praticamente a única fonte de ingressos monetários para fazer frente às demais necessidades das propriedades.

GRÁFICO 01: Relação Receita/Renda Total das propriedades

Fonte: dados da pesquisa

A situação é diferente para os produtores da variedade Burley, para os quais a Renda Total excede com folga as Receitas da propriedade, indicando não somente um autoconsumo maior, mas também uma dependência menor em relação à produção/comercialização do tabaco, tendo em vista que este representa uma parcela menor das receitas das propriedades e estas, por sua vez, representam uma fração menor da Renda Total do que para as propriedades que produzem a variedade Virginia ou as duas variedades conjuntamente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo apresentou os dados de uma pesquisa realizada com o objetivo de diagnosticar a situação dos agricultores que cultivam tabaco na região fumicultora do Sul do Brasil. Uma pesquisa que evidenciou o caráter familiar da agricultura na região pesquisada, situação essa expressa não somente através do uso (quase exclusivo) de mão de obra familiar, mas, também, por uma organização da produção que vincula os interesses de autoconsumo das famílias agricultoras e a inserção no mercado basicamente através da produção de tabaco. A produção de tabaco assume importância fundamental nas atividades das propriedades pesquisadas e, como tal, também deixa pouco espaço para outras atividades geradoras de ingressos monetários, constituindo-se quase exclusivamente na única fonte de receita das propriedades. Também importa ressaltar que a produção para autoconsumo (humano e animal) nas propriedades pesquisadas é muito baixo e, em alguns casos, inexistente, o que agrava a situação, pois os produtores precisam recorrer ao mercado para obter até mesmo gêneros alimentícios. A produção de outras culturas tem caráter marcante de autoconsumo e poucos foram os casos identificados de outras atividades desenvolvidas com ênfase prioritária para o mercado.

Pelo caráter descritivo da pesquisa, os resultados foram apresentados sem uma análise das condições históricas e sociais a partir das quais a agricultura familiar se

desenvolve na região de abrangência da pesquisa. Isso, porém, não relativiza o modo como estão apresentados os dados, pois esses dizem, com grande evidência, de características marcantes da agricultura familiar no Sul do Brasil. O uso (quase que exclusivo) de uma (escassa) mão de obra familiar, o processo de masculinização e de “envelhecimento” da população, a baixa escolaridade da população, a integração entre uma produção de consumo e uma produção voltada para o mercado, a significativa integração em sistemas agroindustriais de produção, um não insignificante processo de modernização dos meios de produção utilizados para a produção agrícola são algumas das características identificadas e que já permitem uma ampla compreensão de como a agricultura familiar se estrutura na região pesquisada. Mas é evidente que uma análise mais interpretativa, à luz da bibliografia já existente e, mesmo, das reflexões que diferentes setores têm sobre a agricultura familiar no Brasil, poderia qualificar esses dados, dando aos mesmos não somente um sentido de reflexão teórica, mas, fundamentalmente, de instrumento de intervenção (social e política) visando o desenvolvimento sustentável da agricultura familiar na região de abrangência da pesquisa. Esse é um desafio que, certamente, está colocado tanto para os teóricos que se apropriarão dos dados levantados pela pesquisa, quanto, e principalmente, para as lideranças da agricultura familiar na região de abrangência da pesquisa.

Por fim, cabe notar que esse artigo insere-se numa pesquisa que envolveu mais de mil e quinhentos agricultores familiares na região fumicultora do Sul do Brasil, divididos entre agricultores que cultivam e agricultores que não cultivam tabaco. Outro relatório, referente aos agricultores que não estão inseridos na cadeia produtiva do tabaco, foi elaborado, permitindo ampliar a reflexão sobre as condições de trabalho, de produção e de vida dos agricultores familiares da região fumicultora do Sul do Brasil.

REFERÊNCIAS

- ABEP – Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa. *Critério de Classificação Econômica Brasil*. In: www.abep.org. Acesso em 21 de setembro de 2011.
- AFUBRA – Associação dos Fumicultores do Brasil. In: www.afubra.com.br. Acesso em: 21 set. 2011.
- AGROLINK – Portal de Informações do Agronegócio. In: <http://www.agrolink.com.br>. Acesso em: 26 out. 2011.
- DENARDI, Reni Antonio. Agricultura familiar e políticas públicas: alguns dilemas e desafios para o desenvolvimento rural sustentável. *Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável*, Porto Alegre, 2(3): p. 56 – 62, jul./set. 2001.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Agropecuário de 2006*. In: www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuario/censoagro/2006/agropecuario.pdf.
- EMATER/RS – Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural. In: <http://www.emater.tche.br/site/index.php>. Acesso em: 26 out. 2011.
- EPAGRI – Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina. In: <http://www.epagri.sc.gov.br/>. Acesso em: 26 out. 2011.
- _____. *Censo Demográfico de 2010*. In: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>. Acesso em: 21 set. 2011.

PAULILO, Maria Ignez Silveira. *Produtor e agroindústria: consensos e dissensos: o caso de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC, Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1990.

_____. *Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise*. Estudos Feministas, Florianópolis, 12(1): p. 229 – 252, jan./abril 2004.

ROCHA, E. N.; PASSOS, J. C. dos; CARVALHO, R. A. de. *Educação no campo: um olhar panorâmico*. Disponível em: <<http://www.gepec.ufscar.br/textos-1/textos-educacao-do-campo/educacao-do-campo-um-olhar-panoramico/view>>. Acesso em: 21 set. 2011.

SAA/PR. Secretaria da Agricultura e do Abastecimento do Paraná. In: <<http://www.agricultura.pr.gov.br/>>. Acesso em: 26 out. 2011.

SCHNEIDER, Sérgio. Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, 18 (51): p. 99-121, fev. 2003.

Sobre o autor

Silvio Cezar Arend

Doutor em Economia, Professor do Programa de Pós-GRaduação em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC. E-mail: silvio@unisc.br